TEXTO PARA DISCUSSÃO

1972

Brasília, maio de 2014

SUMÁRIO EXECUTIVO

UMA ANÁLISE DA HETEROGENEIDADE INTRASSETORIAL NO BRASIL NA ÚLTIMA DÉCADA

Mauro Oddo Nogueira
Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Setoriais de Inovação, Regulação e Infraestrutura (Diset) do Ipea

João Maria de Oliveira
Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diset do Ipea

A heterogeneidade estrutural (HE) pressupõe significativa disparidade entre os níveis de produtividade do trabalho dos diversos agentes econômicos e que esta disparidade se perpetua no tempo. A partir desse referencial conceitual, a análise e a compreensão do fenômeno da HE no Brasil tradicionalmente fez uso de um modelo de representação, no qual se observava tanto as diferenças em nível da produtividade do trabalho entre os três setores da economia, quanto a prevalência de diferenças elevadas ao longo do tempo.

A despeito da capacidade analítica demonstrada por esse modelo durante as décadas nas quais floresceu o pensamento capitaneado pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), as premissas de que os setores de baixo dinamismo dessas economias apresentam *homogeneamente* padrões de baixa produtividade e de que os setores dinâmicos se concentram nas atividades primário-exportadoras implicam uma simplificação, a qual compromete a interpretação das estruturas produtivas contemporâneas, particularmente aquelas mais diversificadas, como é o caso do Brasil. Desde a década de 1950, a economia brasileira diversificou-se acentuadamente e setores industriais e de serviços modernos e dinâmicos aumentaram sua representatividade no produto do país.

Este estudo analisa o fenômeno da HE a partir de outra perspectiva de representação. A proposta é entender como as dessemelhanças internas a cada setor econômico se reproduzem e se relacionam na conformação da heterogeneidade como um todo. Essa perspectiva da heterogeneidade intrassetorial pode ser obtida por meio da compreensão de como é distribuída a amplitude total das produtividades por meio de uma medida da dispersão das produtividades dos diversos elementos observados. Assim, este estudo utilizou o coeficiente de variação (CV) como medida da HE intrassetorial.

O estudo avalia o comportamento temporal tanto dos níveis da produtividade do trabalho, quanto do coeficiente de variação de cada setor. Entende-se que uma situação ideal para redução virtuosa da heterogeneidade estrutural seria aquela na qual haveria crescimento da produtividade média associado a um processo de convergência (redução do CV). Em função da escassez de dados que permitam esta análise, foram utilizados os dados de valor adicionado (VA) e pessoal ocupado (PO) de cada uma das 56 atividades constantes no Sistema de Contas Nacionais, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sendo o VA estabelecido a preços médios da série. Para tanto, foram utilizados os deflatores setoriais obtidos a partir de *preços correntes* e *preços constantes do ano anterior* das Contas Nacionais para o período compreendido entre os anos de 2000 a 2009.

O modelo investiga os coeficientes de variação das produtividades médias do trabalho de cada uma das atividades que compõem os setores. Destaque-se que, uma vez que se trata de *produtividades médias*, há premissa implícita de que as produtividades do trabalho de todas as firmas em cada uma das atividades são homogêneas e iguais à produtividade média da atividade à qual pertence.

O estudo incorpora, ainda, análise da decomposição (*shift-share*) da produtividade da economia, identificando em que medida mudanças setoriais de produtividade e/ou mudanças estruturais contribuíram para a transformação da produtividade do agregado econômico.

A analise foi dividida em três partes: a economia como um todo, a indústria e os serviços.

Para a primeira, que observa a economia como um todo, foi registrado aumento contínuo tanto do VA quanto do PO. Para toda a década, o aumento da produtividade do trabalho foi da ordem de 7,8%, significando crescimento médio anual de 0,8%. O coeficiente de variação da produtividade cresceu de 2000 a 2003, porém inflexionando-se para baixo a partir de 2004. O resultado líquido foi uma queda da heterogeneidade da ordem de 2,6% ao final do período.

A despeito do comportamento positivo das variáveis VA e PO, somente a partir de 2004 houve um movimento claro de convergência produtiva – ou virtuosa –, interrompido pela crise de 2008. Este movimento se traduz no aumento de produtividade simultâneo à redução do coeficiente de variação experimentados no período.

A análise da contribuição de cada um dos setores para esse movimento da produtividade indica que o setor de serviços respondeu por 98,71% do aumento da produtividade. Ainda que tenha apresentado modesta elevação na sua produtividade, da ordem de 0,5% ao ano (a.a.), quando comparada ao aumento na agricultura, seu peso na estrutura produtiva fez com que o impacto deste crescimento fosse significativo para o todo. Contudo, mais importante foi sua participação na mudança estrutural, uma vez que sua participação no pessoal ocupado aumentou 6,7%. Tendo-se em vista a redução na ocupação da agropecuária, é lícito supor que o setor de serviços – como vem ocorrendo ao longo da urbanização tanto do Brasil quanto de diversos outros países – absorve a maior parte da mão de obra liberada pela mecanização e pelo aumento do conteúdo tecnológico da produção no campo.

Os indicadores observados neste trabalho indicam comportamento da indústria que, em parte, reproduz aquele observado na economia como um todo: crescimento contínuo – ao longo da década – tanto do valor adicionado quanto do pessoal ocupado, com diminuição do CV. No entanto, a produtividade do setor industrial apresentou tendência de queda durante todo o período, com recuperações não sustentadas entre 2002 a 2004 e 2005 a 2007. Este movimento de queda na heterogeneidade associado a patamares de produtividade mais baixos – conduzindo a um "nivelamento por baixo". A conjugação destes indicadores pode ser interpretada como indício de que a indústria não vem desempenhando o papel que tradicionalmente lhe é atribuído, que é o de imprimir – por intermédio de seus transbordamentos – maior dinamismo a todo o conjunto da atividade econômica.

Ao expandir a mão de obra, possivelmente originária da agropecuária, a indústria de transformação não foi capaz de aumentar – em igual proporção – o VA por esta produzido. As atividades que maior peso tiveram neste fato são aquelas que compõem o espectro mais dinâmico da economia e das quais se esperaria maiores efeitos de arraste: a indústria de transformação. Destaque-se que isto não se observou apenas nas indústrias chamadas "tradicionais", mas também nas consideradas como difusoras de conhecimento. Todos esses casos aparentemente resultam da exposição da indústria nacional à concorrência franca internacional.

Resultados efetivamente positivos na indústria de transformação somente foram observados nas montadoras da indústria automobilística. Cabe destacar que as especificidades desta indústria no Brasil não as caracterizam como efetivamente capazes de alavancar processo de progresso técnico generalizado, especialmente para as montadoras recém-instaladas no país. Uma das evidências é o fato de que o desempenho da indústria de autopeças – que se esperaria que fosse "arrastada" pelo bom desempenho de suas compradoras – foi, não obstante, significativamente negativo.

Quanto à indústria extrativista, é possível afirmar que, no período analisado, esta se expandiu e obteve ganhos de produtividade. Ainda que se tenham em conta as especificidades do setor de extração de petróleo no Brasil, esta mudança na composição estrutural da indústria merece ser acompanhada com atenção, dado o risco que incorpora na sua sustentabilidade do crescimento em longo prazo. Além disso, seria desejável que esta oportunidade fosse aproveitada para que – dado o nível de tecnologia necessário para a exploração de petróleo nas condições existentes no país – fossem desenvolvidos mecanismos que incentivassem a difusão tecnológica ao longo de toda sua cadeia produtiva, que inclui parcela importante da indústria manufatureira e dos serviços de alto conteúdo tecnológico.

Antes de analisar em detalhes o setor de serviços, cabe observar que – no período compreendido entre 2000 e 2009 – sua taxa de crescimento superou a do produto interno bruto (PIB) brasileiro, e isto fez com que sua participação relativa na economia também aumentasse. O setor de serviços, que respondia por 65,3% do valor adicionado em 2000, já responde em 2009 por 67,7%. Dos três principais setores econômicos, foi o que experimentou maior expansão. Seu VA cresceu 36,8% no período, na razão de 3,5% a.a. As diferenças em relação à indústria são acentuadas, quando se analisa a produtividade do trabalho. O setor de serviços elevou sua produtividade à razão de 0,5% a.a., enquanto a indústria diminuiu a sua na razão de 0,8% a.a.

Ainda assim, a produtividade dos serviços permanece sendo menor que a da indústria. No início do período analisado, a produtividade dos serviços representava 75% daquela da indústria. Ao final, este valor já havia alcançado 85%.

No entanto, a dinâmica da modernização que produziu este resultado aplica-se de forma diferenciada nos diversos segmentos do setor. Enquanto em algumas atividades houve reestruturação e modernização, em muitas outras se mantiveram pouco alteradas as características relacionadas à organização, à tecnologia e à informalidade. Além disso, a dinâmica apresentou alcance regional diverso. Assim, o coeficiente de variação do setor cresceu 12,2% no período. Isto enseja evidências de que o setor de serviços, apesar de toda a expansão de seu PO e de seu VA, se tornou ainda mais heterogêneo.

Quando se avaliam os principais segmentos do setor, conclui-se que – à exceção dos serviços financeiros – estes segmentos experimentaram expansão do PO e crescimento do VA. Entretanto, para os segmentos mais intensivos em mão de obra, que são aqueles que possuem produtividade mais baixa, o crescimento do VA não se traduziu em crescimento da produtividade em níveis maiores que o crescimento da produtividade no setor como um todo. Dos serviços intensivos em mão de obra, o único que não contribuiu com o aumento da heterogeneidade foi o segmento de alojamento e alimentação, que apresentou ganhos de produtividade superiores aos do setor. Os demais, comércio e serviços domésticos – apesar da expansão do PO –, tiveram ganhos de produtividade bem abaixo do setor.

Até mesmo o segmento dos serviços prestados às empresas – que é o terceiro maior em estoque de PO – apresentou perda de produtividade no período, constituindo-se no segmento que mais contribuiu para a heterogeneidade do setor. Há, neste caso, sinais de que a expansão deste segmento tenha se dado através das atividades que se utilizam de pessoal com menor nível de qualificação técnica (terceirização de atividades de limpeza, segurança etc.), e não da parcela deste segmento que é – no conjunto da economia – das mais intensivas em conhecimento

Enquanto isso, os segmentos intensivos em conhecimento – em especial, o segmento dos serviços financeiros, que possui 1,9% do PO total do setor – elevaram sua produtividade sem expandir o PO, também contribuindo para aumentar a heterogeneidade do agregado do setor.

A despeito do comportamento positivo da produtividade do trabalho da economia como um todo ao longo da década – tanto em relação à sua média, quanto no que concerne à sua dispersão –, a forma como isto vem ocorrendo merece atenção. O crescimento da produtividade deve-se, principalmente, ao aumento da incorporação de tecnologia na agropecuária, do novo perfil da indústria automobilística e da automação bancária, bem como aos ganhos de produtividade das atividades de produção de cimento, papel e celulose, além da farmacêutica.

Destacam-se, em primeiro lugar, as atividades que – dadas as características de origem de capital e a forma como operam no país – têm pouca capacidade de transbordamento e arraste tecnológico. Em segundo, constata-se que boa parte destas atividades – entre as quais também se deve incluir a de extração de petróleo e a de gás natural, que apresentam fortes perspectivas de crescimento nos próximos anos – é intensiva em recursos naturais.

Por último, é patente a perda de competitividade de diversos setores industriais. Assim, há sinalização de que a economia pode estar caminhando para uma fragilidade em relação à conjuntura internacional, criando dependência dos preços internacionais de *commodities* e do mercado financeiro global, sem beneficiar-se sistemicamente da "janela de oportunidades" decorrente de apreciação favorável dos termos de troca.